

O CONFLITO ISRAEL-PALESTINA SOBA PERSPECTIVA DE ANALISTAS ISLÂMICOS (2016)

Adrienne Martins Gomes de Albuquerque – Brasil, Brasília, DF 2015

Email: [drika_martins23\(at\)hotmail.com](mailto:drika_martins23@hotmail.com)

O campo de Relações Internacionais tem em seus princípios concepções etnocêntricas, que pressupõem a superioridade da etnia de determinada comunidade em relação a outras. Fundamenta a falta de conhecimento de teorias e de outras formas de pensar o campo, que não seja a visão ocidental.

Por volta dos anos 70, a academia islâmica questionou a “invasão intelectual ocidental” nos ensinamentos islâmicos. A partir deste momento, a academia iniciou estudos e pesquisas, visando propagar seus ensinamentos islâmicos, resultando na elaboração da teoria Islamização do Conhecimento. Confronta as teorias dominantes do campo de relações internacionais, afirmando que há estudos além dos existentes que estão amparados pela academia ocidental. Ressalta-se que as fontes para tal pesquisa originam-se de estudos e pesquisas dos próprios acadêmicos islâmicos. As análises objetivam explorar novas formas de conhecimento, por vezes ignorado pelos acadêmicos devido ao desconhecimento.

Essa possível Teoria de Relações Internacionais originalmente islâmica, objetiva demonstrar que além de teorias ocidentais (estadunidenses e europeias), também há teorias não ocidentais e estas geram debates. O surgimento do movimento da Islamização é visto como uma alternativa ao arcabouço de Relações Internacionais, proporcionando desafios/particularidades neste campo de estudo.

Importante esclarecer que a formulação de uma teoria Islâmica não deriva somente de acadêmicos islâmicos locais. Outros autores, não ocidentais ou ocidentais, também podem participar na construção desse pensamento. Os teóricos exemplificados contribuíram para demonstrar o porquê da inexistência de informações sobre teorias não ocidentais, e da dominação da visão de mundo dos estadunidenses. O domínio dos EUA nas Teorias de Relações Internacionais é evidenciado pelas fontes do próprio campo de estudo que utilizam

seus princípios e perspectivas, afastando entendimentos considerados irrelevantes, pois não correspondem aos seus ensinamentos. Assim, falham em corresponder à expansão de seus objetivos a todo o mundo devido às realidades dos diferentes países envolvidos no sistema internacional.

Consideração de Buzan e Acharya (2010) a respeito do campo de relações internacionais:

“[...] we think Western IRT is both too narrow in its source and too dominant in its influence to be good for the health of the wider project to understand the social world in which we live”. (BUZAN; ACHARYA, 2010, p. 2).

Estes autores explicam que a falta de conhecimento de teorias não ocidentais derivam da hegemonia e do etnocentrismo de alguns países, além destes excluírem formas alternativas de teorias. *“Theory is always for someone and for some purpose”*, Robert Cox (1986, p.207) exemplifica o caráter particular das relações internacionais. Essa exclusão, conforme Cox (1992) é a dificuldade de reconhecimento mútuo de distintas tradições de civilização, pois os que compartilham de uma mesma perspectiva hegemônica não querem abandonar a “ordem natural” baseada na história, na modalidade civilizacional, ao que lhe permite deter uma posição de poder. A teoria remete a uma posição de poder, pois quem detém o poder dessas teorias são aqueles que formulam e moldam o conhecimento sobre o mundo. Há uma relação direta entre poder e conhecimento, em que o ocidente detém poder para disseminar e influenciar o que deve e como deve ser estudada a realidade.

O texto de Buzan e Acharya (2010) critica essa postura dominante e de imposição dos moldes estadunidenses de pensar o mundo, e mostra a importância em inserir questões não ocidentais ao ocidente.

“[...] our goal is to introduce non-Western IR traditions to a Western IR audience, and to challenge non-Western IR thinkers to challenge the dominance of Western theory”. (BUZAN; ACHARYA, 2010, p. 2)

A inserção de pensamentos não ocidentais traz características diferenciadas, sendo que não há claras distinções entre relações doméstica e internacional em algumas sociedades não ocidentais, e esta seria uma alternativa para os valores individualistas das sociedades ocidentais.

O campo das relações internacionais é dominado pela comunidade acadêmica estadunidense, conforme Smith (2002) *“the danger was that this might lead to a narrow understanding of world politics and a tendency to see the world through decidedly U.S lenses”*, Smith (2002, p. 68). Isso demonstra o mesmo raciocínio que os autores Buzan e Acharya possuem acerca da visão particular do mundo estadunidense. Esta particularidade estadunidense falharia no entendimento de outras culturas e identidades, ocasionando um distanciamento de sua disciplina das agendas de outras partes do mundo.

Conforme Bilgin (2005), os estudos nos Estados Unidos impulsionaram os estudos não ocidentais aos demais países do mundo, mostrando o caráter de dominação para disseminar parâmetros de conhecimento. Neste aspecto, os conhecimentos acerca dos países não ocidentais, mais especificamente o Oriente Médio, mostram a visão que os estadunidenses têm em relação a estes países, e em como os ensinamentos são passados a seus próprios acadêmicos e aos demais de todo o mundo.

Apesar do caráter de dominação dos estadunidenses na expansão dos estudos não ocidentais, essa disseminação incentiva o interesse de outros acadêmicos pelos pensamentos islâmicos, gerando uma melhor compreensão sobre islamismo, além de conscientizá-los da existência de pesquisas não ocidentais.

Os ensinamentos a respeito do Oriente Médio foram introduzidos nos estudos acadêmicos dos Estados Unidos no Pós Guerra-Fria, devido às preocupações da globalização que priorizaram as pesquisas interdisciplinares em temas contemplando diversas culturas e regiões,

“such concerns were voiced... in the contest where questions were raised about the relevance of area-based knowledge in an increasingly globalising world” Bilgin (2005, p.575).

De acordo com Bilgin (2005), recentemente foi observada uma relativa diminuição desses estudos nos Estados Unidos. Esta redução decorre de trabalhos atóxicos, ocasionando falhas na disseminação de conhecimentos, que eram globais e universalmente aplicados. As justificativas derivam das formas de abordagens do Oriente Médio suscitando pouco interesse dos Estados Unidos. Em suas universidades há uma marginalização de estudos do Oriente Médio, evidenciando que as questões relativas a pesquisas provenientes de outras formas de pensamento são ignoradas e excluídas por não se adequarem às atividades preestabelecidas.

Os estadunidenses têm oportunidade de estudar diferentes formas de culturas e entendimentos sobre a realidade. Há revolta por parte dos estadunidenses quando “os outros” (não ocidentais) criticam um posicionamento do ocidente (EUA). De acordo com Huntington (1996), a revolta ocorre pela disparidade entre os esforços do ocidente, especialmente estadunidenses, em disseminar a cultura ocidental universal, ou seja, “o que é universalismo para o Ocidente é imperialismo para o resto” (HUNTINGTON, 1996, p.228).

Um ponto que deve ser considerado é a universalização do conhecimento por meio do positivismo e a crítica pós-positivista a esse entendimento. Conforme Smith (1996), a disciplina de Relações Internacionais foi dominada pelo positivismo, que envolve um comprometimento com uma ciência unificada, além de adotar a metodologia da ciência natural para explicar os acontecimentos sociais mundiais. Tem como característica principal o conhecimento objetivo do mundo, livre de valores (separação de fatos e valores). Por meio dessa influência/dominação do positivismo, ele é visto como algo “natural” e científico da natureza das ciências sociais, ditado por uma convenção social.

“International theory underpins and informs international practice. Once established as common sense, theories become incredibly powerful since they delineate not simply what can be known but also what it is sensible to talk about or suggest”. (SMITH, 1996, p.13).

Consoante a Smith (1996), Cox (1986) acredita que deve criticar o senso da ordem do mundo e se perguntar de onde ela surgiu e não simplesmente aceitá-la como algo natural,

“Not take institutions and social and power relations for granted but calls them into question by concerning itself with their origins and how and whether they might be in the process of changing”. (COX, 1986, p.208).

Dessa forma, a teoria de relações internacionais traria complicações para a compreensão de outras culturas e outras visões de mundo, caso continuasse adotando o positivismo. A alternativa está na existência de outras abordagens, as pós-positivistas, que abrem espaço para outras maneiras de pensar as relações internacionais e para mostrar outras realidades. Segundo Cox (1986), a realidade muda, logo, conceitos mais antigos devem se ajustar ou ser rejeitados para a construção de novos conceitos, visando possibilitar um diálogo entre o teórico e o mundo particular que tenta entender.

De acordo com os positivistas, para uma ciência ser considerada de mais alto nível, devem-se fazer generalizações. A crítica pós-positivista está vinculada à ideia de uma comunidade não ser semelhante às visões de mundo de outras comunidades. Neste aspecto, a universalização da visão de mundo de uma dada comunidade é a imposição de seus valores para as demais comunidades. Entretanto, as abordagens pós-positivistas, segundo Smith (2002) não tem tanta relevância nos estudos dos EUA, pois não é a abordagem dominante de seus entendimentos.

A dificuldade de identificação da procedência de alguns pensamentos advém das visões eurocêntricas enrustadas nas mentes dos vários povos do mundo. A visão de mundo para os islâmicos é diferente da visão ocidental e muitas vezes chocam o modo como a veem. Esses choques provocam divergências e interpretações errôneas sobre a realidade dos muçulmanos.

Essa “criação de um mundo sobre os islâmicos” é o que chamamos de Orientalismo. Este Orientalismo foi descrito por Edward Said (1996), que explica a visão de mundo ocidental sobre o Oriente, ou seja, explica os acontecimentos e problemas do Oriente conforme as visões e interpretações de mundo ocidental. É mais um problema sobre a dificuldade de inserção de pensamentos islâmicos nos debates contemporâneos. O debate não obtém êxito devido à falta de entendimentos e a presunção de que os estudos/pensamentos dos islâmicos são similares aos que acreditamos saber sobre eles.

Este Orientalismo é justamente uma passagem que Huntington (1996) aborda em seu texto.

“No fundo de nossas mentes estão ocultas pressuposições, vieses e preconceitos que determinam a forma pela qual nós percebemos a realidade, para que fato olhamos e como julgamos sua importância e seus méritos”. (HUNTINGTON, 1996, p.30).

“A dificuldade é acentuada pela forma como é percebida e relatada no Ocidente qualquer mudança política ocorrida fora do Ocidente – a tendência de ver o mundo por meio dos conceitos ocidentais, que pode levar à conclusão de que chegamos ao ‘fim da história’”. (COX, 1992, p.195)

Os debates mostram a existência de novas formas de ver o mundo (pós-positivistas) e de encaixar novos tipos de conhecimentos no amparo das Relações Internacionais. A única dificuldade é o caráter dominante de um pensamento específico, que consegue disseminar suas raízes para demais comunidades, implicando em adequações aos pensamentos ditos

como “corretos” ou “científicos”, caso contrário ficam marginalizados dos debates contemporâneos deste campo. Apesar dessa dificuldade, há muitos acadêmicos que conseguem introduzir novas formas de visão de mundo, como as feministas, os críticos, os pós-modernistas e pós-colonialistas.

Este estudo objetiva demonstrar que existem diferentes formas de visões sobre a mesma situação, não considerando se uma determinada visão é “correta” ou “errada”. Essas formas diversificadas devem ser estudadas e compreendidas para ampliar a visão de mundo não só dos acadêmicos, mas também de toda a sociedade, objetivando amenizar visões etnocêntricas e visões preconceituosas que muitas comunidades têm em relações às outras.

Neste sentido, o Movimento de Islamização do Conhecimento é a forma não ocidental, especificamente Islâmica, de entender e compreender as Relações Internacionais. A Islamização possui vários ramos, dentre eles a Islamização da ciência, de disciplinas, da educação e do conhecimento. Todas têm como objetivo a discussão do papel dos islâmicos no mundo.

Conforme Hashim e Rossidy (2000), o conceito de Islamização do Conhecimento surgiu com os acadêmicos muçulmanos que estavam preocupados com a Comunidade Muçulmana (Ummah). O conceito “surgiu” nos anos 80 como resultado da consciência global (iniciada pelo ressurgimento do islã nos anos 70) e do êxito da ¹Primeira Conferência Mundial de Educação Muçulmana em 1977. Esta Conferência teve como objetivo guiar os acadêmicos, educadores, dentre outros, para reformular o sistema educacional islâmico.

¹ The First World Conference on Muslim Education was held at Makkah between 31 March and 8 April 1977, with the theme: “Basis For an Islamic Education System.” Among the members of the organizing committee of the conference were Professor Syed Ali Ashraf, Dr. Abdullah Mohammed Zaid and Dr. G.N. Saqeb. About three hundred and fifty Muslim scholars from various parts of the world and from different areas of disciplines and specializations attended the conference. The conference observed the existing conditions in present day educational institutions in most Muslim countries do not truly reflect the Islamic ideal, and these institutions do not play their rightful role in the education of the younger generation in Islamic faith, thought and conduct, and there exists at present a regrettable dichotomy in education in the Muslim world; one system namely, religious education being completely divorced from the secular sciences, and secular education being equally divorced from religion, although such compartmentalization was contrary to the true Islamic concept of education and made it impossible for the products of either system to represent Islam as a comprehensive and integrated vision of life. (ADETONA, 2007, p.1-34).

Um debate interessante acerca da Islamização do Conhecimento vem do significado desse conceito. Segundo o texto de Moten (1990), a Islamização do Conhecimento tem a conotação de que todo o conhecimento está baseado na Qur'na e na Sunnah suscitando debates sobre o conhecimento ocidental. Portanto, o nome verdadeiro e mais adequado é Islamização do Conhecimento Contemporâneo, referindo-se à crítica ao conhecimento ocidental moderno.

A ideia da Islamização do Conhecimento Contemporâneo tem como premissa básica o conhecimento contemporâneo, que é etnocêntrico, mas não universal nem está livre de valor. O conhecimento contemporâneo está atrelado ao processo de ocidentalização.

Consoante ao texto de Moten (1990), Haneef (2005) aborda que a Islamização do Conhecimento é considerada um movimento contemporâneo do mundo intelectual islâmico em resposta à modernidade. Importante frisar que os acadêmicos à frente deste movimento prestam suporte à interação ao conhecimento moderno ao invés de adotar ou rejeitar pensamentos. Este movimento objetiva solucionar problemas contemporâneos que requerem uma síntese entre a herança islâmica e o conhecimento contemporâneo.

Há necessidade para criar uma alternativa ao conhecimento/ciência moderna (enviesado pelos pensamentos do Ocidente). As visões de mundo do ocidente não são aceitas, pois divergem dos conceitos, do conhecimento de estruturas e sistemas construídos. Os conceitos devem ser avaliados e/ou modificados, traduzindo-se ao objetivo da Islamização do Conhecimento.

No âmbito do pensamento e dos estudos islâmicos, existem duas vertentes, os tradicionais e os pacifistas, conforme Abo-Kazleh (2006). Os tradicionais baseiam-se na ideia de que a crise islâmica deriva de interferências dos não muçulmanos. Dizem que a guerra é importante para manter livres da dominação ocidental. Para estes acadêmicos, o mundo é dividido em dois, o Dar Al Islam (domínio da paz) e Dar Al Harb (domínio da guerra). O domínio da paz refere-se ao território islâmico e seus ideais. É àquele que outro estado cause ou ameace causar danos aos cidadãos islâmicos. Sob tal perspectiva, o estudo de caso do conflito entre Israel e Palestina seria justificado pela agressão de Israel aos cidadãos islâmicos, especificamente, os palestinos. Esta agressão baseia-se no fato que Israel tem relações estreitas com o poder do ocidente, principalmente com os EUA, que intervém incisivamente no meio árabe, além dele mesmo se inserir no meio árabe.

Os acadêmicos pacifistas não são movidos por anseios de guerra nem pela divisão de mundo como os tradicionalistas. Consideram que a luta deve ocorrer somente quando há perda de territórios, propriedades e de sua dignidade. A guerra é a última opção. Argumenta-se que a dignidade foi transgredida pelos israelenses, tornando justificável a agressão dos palestinos. Esta retaliação é uma maneira errônea, pois segundo a Shariah “não se pode retaliar o demônio com o demônio”, e “agressão em excesso não leva a paz, intensifica o conflito” (Tadjbakhsh, 2010). A linha de pensamento pacifista tem relação com a escola de Islamização do Conhecimento. Nesta linha de raciocínio e de acordo com Alwani (1995), a agressão seria uma consequência da política de poder, que obscurece conhecimentos, cujos islâmicos devem evitar ao máximo para não sofrer crises de pensamentos, não havendo motivo para políticas extremistas. Os islâmicos devem perseguir o nível mais alto de conhecimentos sobre si mesmos. Para que haja esse autoreconhecimento é necessária à compreensão dos princípios islâmicos e estes seriam ensinados pela escola de Islamização do Conhecimento. Percebe-se que os islâmicos se empenham em construir uma teoria originalmente sua, pois há indícios de invasão intelectual do ocidente, que os influenciam e os tornam vazios de entendimentos islâmicos, ou seja, “perda de suas mentes”.

Em complemento ao que Abo-Krazleh (2006) abordou sobre a visão tradicionalista dos dois mundos (Dar al Islam e Dar al Harb), Tadjbakhsh (2010) menciona que há uma divisão, porém é legal e normativa, conforme definido pela jurisprudência. Este dualismo foi constituído como conceito central das relações internacionais do Islã. É outra característica diferencial da teoria das relações internacionais islâmicas.

Conforme Tadjbakhsh (2010), a expansão da literatura do Ocidente acerca da teoria internacional não se encaixa necessariamente na realidade e na experiência de outros espaços, tampouco na realidade do Islã.

“(...) the very identity of Islam is already tainted by its supposes position as the ‘other’ of Western modernity and affirmation of Islamic faith is inevitably associated with resistance instead of an embracement of alternative identities based on religion, faith and morality”. (TADJBAKHS, 2010, p.175)

O surgimento de novos conhecimentos requer liberdade de pensamento e de discussão, encorajando a criação, a inovação e tolerância à diversidade. O projeto de Islamização do Conhecimento segundo Siddiqi (2011) pode ser revivido pelo reconhecimento da primazia da expansão do conhecimento em assegurar seu uso corretamente. Prevê que os acadêmicos da

Islamização se juntem ao resto da humanidade na expansão do conhecimento, esclarecendo sobre a empregabilidade do conhecimento e conscientizando e prevenindo erro de caráter hegemônico. A Islamização foi concebida como um meio de vitória do Islã na luta contra a dominação do mundo.

Os dois principais componentes da Islamização do Conhecimento, conforme Hashim e Rossidy (2000) são Al-Attas e Al-Faruqi, precursores da racionalidade do movimento. Em um primeiro momento, relativo ao pensamento de Al-Faruqi, a racionalidade vem da razão externa, ou seja, as condições políticas, sociais e econômicas dos Muçulmanos. Tais condições relacionam-se à dualidade do sistema, uma secular e moderna, e a outra, religiosa e tradicional. Este autor lamenta a falta de visão Islâmica ao referir-se ao sistema educacional, que prejudicou o reflexo dos ideais islâmicos e de sua herança, criando a incapacidade de os estudantes e professores confrontarem as ideologias externas demonstradas nas universidades. Neste aspecto, há relação direta com a dificuldade de inserção de seus pensamentos no contexto dos ocidentais (Alwani 1995 e Buzan 2010). Sob tal perspectiva, Haneef (2005) critica Al-Faruqi devido à impossibilidade deste diferenciar sua visão do ocidente.

Neste mesmo ponto, relativo ao pensamento de Al-Attas², as sociedades Muçulmanas não podem enfrentar o problema separadamente dos fatores externos, como afirma Al-Faruqi. A confrontação histórica com a cultura e civilização do ocidente, e as consequências da colonização devem ser tratadas simultaneamente. A confusão de conhecimento baseia-se na inabilidade de os Muçulmanos distinguirem o conhecimento verdadeiro do que foi incrustado por influência do ocidente “as influências exercidas pela filosofia, ciência e ideologia da civilização moderna, bem como a cultura do Ocidente ocasionam o estado de confusão mental” (Al-Attas).

Existe um segundo momento no pensamento de Al-Attas, em que a Islamização do Conhecimento significa que o homem tem o controle da razão e da linguagem e está livre de tradições mitológicas. Há um propósito em procurar conhecimento no Islã com o objetivo de motivar o surgimento do “homem bom”³. O processo de Islamização deve basear-se nas

² Al-Attas é considerado o pioneiro da Islamização do Conhecimento. Trouxe a perspectiva do Islã como um caminho diferente, uma profunda abordagem para a racionalidade e à inclinação natural do homem. Suas ideias originais derivam dos predecessores acadêmicos muçulmanos e da ciência e filosofia contemporânea.

³ O “homem bom” significa a manifestação que mescla a vida espiritual e material do homem, aflorando a bondade, qualidade imprescindível aos homens. Conceito utilizado por Al-Attas sobre

sugestões ontológicas e epistemológicas do islamismo. Os conceitos de Deus, homem, sociedade e ordem cósmica são essenciais na visão de mundo islâmica. São pré-requisitos para quaisquer tentativas de disseminação do projeto islâmico de conhecimento. Trata-se de um projeto para repensar todo o conteúdo, considerando a Qur'na como referência.

Al-Alwani fortalece a ideia do conhecimento moderno (racionalização). A leitura somente de um livro é inadequada às perspectivas Islâmicas, já que é necessária a leitura de dois livros (a revelação e o universo). Existem dois tipos de conhecimento, o primeiro relacionado ao conhecimento espiritual, que vem da revelação. Está atrelado à relação entre a pessoa e seu Senhor. O segundo, ao físico que é adquirido pela experiência, observação e pesquisa, que são revelados os aspectos da vida mundana.

A Escola de Islamização do Conhecimento conscientizou as pessoas, principalmente os islâmicos, que a força como uma disciplina de Relações Internacionais está atrelada à autenticidade de suas abordagens. Esta autenticidade resultaria no fortalecimento do pensamento islâmico, intensificando sua teoria e conseqüentemente, disseminando no universo dos debates acadêmicos.

A Islamização de Conhecimento é a reconceituação das ciências sociais e das relações internacionais. Essa reconceituação significa utilizar conceitos islâmicos ao invés de conceitos ocidentais aplicados ao islã. Essa escola contribui com os acadêmicos locais auxiliando-os em seus conceitos de acordo com suas experiências, tornando-se ato de Renascimento. Significa que há o interesse em incorporar padrões e experiências islâmicas que proporcionariam comparação das relações internacionais com os padrões gerais, reformulando-os para o entendimento islâmico.

De acordo com o texto de Rashid (1990), deve-se ter uma categoria metodológica do Islã que substituiria as categorias do Ocidente e determinaria sua percepção de ordem da realidade. A temática da ciência social do ocidente tem caráter empírico, excluindo os valores políticos, morais e éticos, e baseado na suposição de que o comportamento dos seres humanos é padronizado. As investigações científicas são expressas como generalizações ocorrendo à aproximação com a ciência natural. Entretanto, conforme Rashid (1990), todos os fatos pertinentes ao homem são relativos, ou seja, todos os fatos são observados e compreendidos

pelo ser humano, o que mostra que a realidade depende da vontade humana. Esta vontade é moldada por suas crenças, tendo caráter subjetivo, o que prova que a política do ocidente não é livre de valor.

“One implication of the methodology is that political science cannot be based upon facts alone...All facts relating to man are relative, as human behavior depends on human volition, which is shaped by beliefs and ethical ends. It is the analysts who give meaning to the fact by determining how it should be fitted into existing concepts and beliefs, and how far the existing concepts and beliefs should be modified and extended to accommodate it”. (RASHID, 1990, p.169).

Como apontado por S.H. Nasr no texto de Rashid (1990), a ciência social do ocidente é reducionista, pois separa a razão da revelação e rejeita a última como forma de conhecimento, contrastando com a civilização islâmica, que se baseia na revelação divina. Razão e revelação se complementam (leitura dos dois livros). De acordo com a Qur’na, os seus seguidores devem observar, ponderar, raciocinar, compreender a natureza, a história e a sociedade humana.

“Imitation of the natural science model was based on the desire for increased social prestige, the achievement of scientific respectability, and the quest for social status on a par with that natural scientists”. (MARSHAL, 1966).

No Islã, os aspectos de valores, tanto religiosos como culturais são essenciais, e a religião e o estado são uma unidade interdependente.

“Islam is not divide the world artificially and arbitrarily into social and profane or into religious and secular. In Islam religion and state are one organic unity that coheres into an undifferentiated social and political unity” (RASHID, 1990, p.167).

“The Ummah is like an organic body whose parts are mutually and severally interdependent with one another and with the whole”. (AL-FARUQI, 1982, p.153)⁴

Apesar de vários autores estarem engajados na consolidação e expansão da Escola de Islamização do Conhecimento, há acadêmicos que possuem posições contrárias, refletem sobre essa tentativa de Islamizar o conhecimento humano, entretanto não acreditam nem apoiam esse projeto.

⁴ Al-Faruqi, “Its Implications for Thought and Life”, Pennsylvania: International Institute of Islamic Thought, 1982.

A visão tradicionalista do pensamento islâmico sobre a Islamização do Conhecimento considera que a islamização é uma adaptação dos modelos de pensamentos ocidentais, segundo conhecimentos e estilos dos EUA no mundo do Oriente Médio. Esta escola trata de reformulações de conceitos ocidentais, por meio da hibridização para os conceitos islâmicos. São visões de mundo dos EUA delineadas nos ensinamentos islâmicos.

Conforme Hashim e Rossidy (2000), os tradicionalistas argumentam que o racionalismo aumentaria o poder ocidental, e que ambos os conceitos de racionalismo e de “teoria” é um conceito ocidental, o que impossibilita estabelecer a legitimidade do sistema social Islâmico e seus princípios originais. Essa conduta poderia ocasionar problemas devido ao não desenvolvimento de suas próprias Teorias de Relações Internacionais.

Os modernistas-secularistas concordam com os tradicionais neste quesito, mas dizem que o conhecimento científico moderno é universal e culturalmente neutro.

“They felt that the modern scientific knowledge is universal and culturally neutral and as such, it cannot be infused with the value system of any particular culture”.
(HASHIM; ROSSIDY, 2000, p.20).

De acordo com Abdus Salam no texto de Hashim e Rossidy (2000), rejeitase o conceito de ciência Islâmica *“there is only one universal science, its problems and modalities are international and there is no such thing as Islamic science as just there is no Hindu science, no Jewish science...”* (Abdus Salam)⁵. Há debates sobre essa visão modernista-secularista, pois não há nada neutro ou sem valores na ciência moderna.

Para Alwani (1995), os estudiosos islâmicos deveriam fundamentar seus ensinamentos em questões que não estejam ligadas a política de poder, diferenciando-se das abordagens ocidentais, que fomentam a utilização de política de poder. A política de poder acarretaria a ganância, ocultando os verdadeiros conhecimentos que os muçulmanos devem perseguir. A concentração de poder possibilitaria a criação de um fundamentalismo islâmico. Os muçulmanos ao atingirem um nível mais alto de conhecimento sobre eles próprios, não sofreriam crises de pensamentos, resultando em uma pacificação interna (jihad)⁶, tornando-se

⁵ Salam M. A. “Foreworld”, in Hoodbhoy, Islam and Science.

⁶ Os juristas muçulmanos entendem a jihad como o requisito num mundo dividido entre dar al-islam (território islâmico, onde é aplicada a jurisprudência islâmica) e dar al-harb (território não islâmico, a morada da guerra). Nos diversos apelos a jihad está implícito que toda a comunidade islâmica tem a tarefa de expandir o dar al-islam pelo mundo inteiro, para que todos possam partilhar

fácil lidar com as externalidades. Esta linha de raciocínio tem relação direta com a abordagem pacifista de evitar o conflito.

De acordo com Bilgin (2005) há três alternativas para estudos relativos ao Oriente Médio. A primeira voltada para os Estudos não ocidentais; a segunda, ao estabelecimento de uma disciplina orientada para as ciências sociais; ficando a última alternativa, à elaboração de teorias a respeito do Oriente Médio baseadas em suas próprias experiências.

Na primeira alternativa deve ocorrer à volta as suas origens, à tradição não ocidental, islâmica. Deveria-se voltar para as visões tradicionais de teorias islâmicas, que configuraria a não relação ou não importação de ideias das teorias ocidentais. De acordo com Kramer, o conceito de teoria traduziria arcabouços ocidentais, e esta alternativa prevaleceria os estudos dos EUA sobre o Oriente Médio, com a finalidade de estabelecer padrões e modelos de representação, ou seja, continuaria a ser a imposição de uma cultura sobre a outra.

Na segunda alternativa, apontada por Bilgin (2005), os acadêmicos do Oriente Médio admitiam que os trabalhos não eram generalizados. Consistiam apenas de descrições sobre a região em relações a casos específicos. Os discentes devem se esforçar e garantir que seus estudos não se tornem isolados do corpo da ciência política americana. A incongruência entre teorias da ciência social e as realidades do Oriente Médio é um dos sintomas que originaram um amplo problema, a limitação dos conceitos e teorias com os contextos dos não ocidentais. Nesta alternativa encaixam-se os pensamentos de AlFaruqi.

Para Al-Faruqi seria necessário remodelar todas as disciplinas para incorporar a relevância do Islã. A islamização do conhecimento moderno é definida como “o novo conhecimento dentro do corpo do legado islâmico pela eliminação, reinterpretando e adaptando os componentes de acordo com a visão de mundo do Islã e seus valores”. O método de Faruqi é a síntese e a integração dos conceitos de conhecimento ocidentais e do Islã. A crítica que se faz a essa alternativa é que o posicionamento de Al-Faruqi expressa que

de uma ordem social e politicamente justa. Então, ao apelo da jihad, a resposta poderá ser individual ou colectiva, defensiva ou ofensiva. Os grandes teólogos islâmicos dividem a jihad em duas correntes: a jihad maior e a jihad menor. A primeira é a luta contra os inimigos da vida espiritual, a luta contra o mal e contra o egoísmo. É um esforço maioritariamente individual. A segunda, a jihad menor, é a luta armada contra os inimigos do Islão. É nesta corrente que o islamismo violento se revê. Da jihad menor, partem mais duas interpretações. Uma, colectiva, que circunscreve as acções de luta ao princípio da guerra regular, que poderá ser entre Estados, e da acção militar justa. Outra, individual e voluntária, que preconiza a luta de cada muçulmano contra a tirania do ocupante (sobre jihad violenta ver Cook, 2005; sobre a guerra de carácter islâmico ver Kelsay, 1993; Malik, 1979).

a Islamização do Conhecimento seria apenas uma aquisição e a adequação do conhecimento ocidental nos intuítos do Islã, e não um conhecimento próprio do Islã.

A terceira alternativa visa teorizar suas experiências. Esta alternativa proposta por Bilgin (2005) contribuiu na transmissão dos ensinamentos, fortalecendo a divulgação dos estudos sobre o Oriente Médio, mediante inclusão e elaboração de teorias. Tem caráter universal em transmitir seu conhecimento para o restante do mundo. Al-Attas se enquadra nesta última alternativa. A Islamização Contemporânea de Conhecimento seria a resposta à secularização da ocidentalização, que identifica e explica elementos externos e conceitos-chaves que devem ser removidos do corpo teórico do contemporâneo ocidente: o conceito de dualismo entre realidade e verdade, entre mente e corpo. Este processo de Islamização consistia em dois passos. No primeiro passo deve isolar os elementos do ocidente e dos conceitos-chaves do corpo de conhecimento. No segundo, a infusão de elementos islâmicos e dos conceitos-chaves no corpo de conhecimento. Os elementos e conceitos-chaves são a natureza do homem, da religião, do conhecimento, da sabedoria, da justiça e da ação correta.

Al-Attas expressa que a linha de raciocínio adotada por Al-Faruqi, a de associação entre o conhecimento ocidental e não ocidental só poderá acontecer após se isolar dos elementos seculares do ocidente. “Nenhuma junção ou transplante pode produzir o desejo de resultado quando o corpo já é de posse de elementos externos”⁷. É impossível, pois se baseia em duas visões distintas e os dois são completamente diferentes e até mesmo antagônicos.

Diante das três alternativas explanadas, a terceira é a mais viável na medida em que abarca um entendimento superior a respeito do islamismo, além de abordar a questão de construção de uma teoria. Tem maior aplicabilidade destacando-se na aprendizagem acerca do Oriente Médio.

Vislumbra-se que o estudo é importante, na medida em que aborda uma característica diferencial, a formulação original de uma teoria de Relações Internacionais.

É neste aspecto que a história do conflito Israel-Palestina se encaixa. Conforme salienta Mihael Ziv⁸,

⁷ Esta citação foi retirada do texto “Intellectual Discourse” sob forma de citação. O texto original é *Islam and Secularism*, de Al-Attas.

⁸ ZIV, M. *Teaching History in School: Methods and Trends* (Tel Aviv, 1956), 1–7, 13–14.

"We should not teach a history that lies beyond good or evil, beyond time and place, which aims at nothing more than pure intellectual satisfaction. On the contrary, history must serve to inculcate in the student a strong sense of responsibility for the future. It must foster a belief in the importance of social activism. Our goal is not to create historians but mold citizens who will, one day, themselves make and shape history". (ZIV 1956)

A compreensão do Conflito, por meio da revisão histórica e a partir da visão palestina proporcionará uma nova visão sobre o assunto, possibilitando entender o contexto da produção de teorias palestinas, no caso, a Islamização do Conhecimento. Esta se enquadra na teoria pacifista, incentivando e proporcionando solução para o conflito.

É importante salientar que este projeto de pesquisa tenta configurar-se o mais neutro possível, visando não julgar valores ou condutas morais, e qual país está certo ou errado sobre o procedimento.

Esta teoria quer inserir o pensamento islâmico nas escolas ocidentais, possibilitando ampliar a visão, não se delimitando as visões e aos relatos de autores ocidentais.

Conclusão

As Relações Internacionais têm um caráter particular de ver o mundo, ou seja, visão de uma determinada comunidade (ocidentais), que se insere nos pensamentos dos acadêmicos, gerando a necessidade de conhecer a existência ou não de apenas teorias de cunho ocidental. O desenvolvimento de do campo de estudo de Relações Internacionais requer pensamentos diversos sobre o tema, visando esgotar todas as possibilidades de debates sobre as visões de mundo e como são projetadas. O presente trabalho discute sobre a possível existência de uma Teoria de Relação Internacional original Islâmica, demonstrando que há estudos fora do amparo das ciências ocidentais, que podem trazer novos debates sobre as Relações Internacionais.

Inserir-se então a escola de pensamento islâmico com a Islamização do Conhecimento. Para tal investigação é necessário ter em mente que talvez as formas como estejam desenvolvidos os pensamentos dos islâmicos diverjam do modo como os ocidentais veem.

A criação da escola de Islamização do Conhecimento ocorreu a partir dos anos 70, na nova fase dos movimentos de libertação da Palestina, utilizando aparatos políticos. Nesse

sentido, a escola surgiu com o objetivo de mostrar aos acadêmicos, islâmicos e não islâmicos, a visão deles próprios, com intuito de disseminar e conscientizar as pessoas da existência de teorias islâmicas no campo de conhecimento de relações internacionais. Na escola os islâmicos e os ocidentais são orientados a entender que os pensamentos islâmicos são parte integrante na academia de relações internacionais. Após a sua criação, as visões ocidentais e islâmicas passaram a ser lecionadas nas universidades com intuito de fomentar debates entre os estudantes. Esses debates induziram os estudantes a pesquisar e aprofundar o conhecimento a respeito dessa nova teoria islâmica, confrontando-a com o universo acadêmico internacional.

A escola de Islamização do Conhecimento proporciona reformas de conceitos, possibilitando modificar pensamentos das relações internacionais, que são considerados imutáveis. Neste aspecto a escola mostra que os conceitos não são algo dado e imutável, será modificado conforme suas experiências e visões do mundo.

As barreiras linguísticas são empecilhos para uma investigação mais aprofundada da forma que o Islã se insere no mundo, e da dificuldade de entendimento das suas características, que divergem das investigações ocidentais. A barreira traduz ao não conhecimento e a possível inexistência da teoria islâmica.

Este projeto se propôs a disseminar para a academia mundial, o estudo sobre outras formas de ver o mundo, e estudar outras formas de se pensar o campo de estudo de relações internacionais. É importante a discussão, pois não há muitos documentos sobre o tema na academia brasileira, o que torna o conhecimento brasileiro atrelado aos entendimentos estadunidenses e europeus. Além disso, tem como objetivo disseminar o estudo de teorias marginalizadas neste campo de estudo, no intuito de fazer perceber a existência das diferentes visões do mundo e o próprio campo de relações internacionais. Possibilita rever e ampliar os estudos deste tema visando dar um caráter mais globalizante das Relações Internacionais. Além disso, abre precedente para inserir novas formas de se pensar o mundo, além de pesquisar sobre outras formas de entendimentos islâmicos.

REFERÊNCIAS

ABO-KAZLEH, M. Rethinking International Relations Theory in Islam toward a More Adequate Approach. *Alternatives, Turkish Journal of International Relations*, v. 5, n. 4, p. 41-56, Winter (2006).

ACHARYA, A.; BUZAN B. Why is there no non-Western international relations theory?. In: _____ *Non-Western International Relations Theory, Perspectives on and beyond Asia*. London; New York: Taylor & Francis e-Library, 2010. p. 1-25.

Al-ALWANI, T. J. The Islamization of Knowledge: Yesterday and Today. *American Journal of the Islamic Social Sciences*, v.12, n.1, p.81-101, 1995.

BILGIN, P. What Future for Middle Eastern Studies??. Department of International Relations, Bilkent University, Ankara, 06800, Turkey. p. 575-585, 2005.

COX, W. R. *Social Forces, States and World Orders: Beyond International Theory*. p. 204-254, 1986.

HANEEF, M. A. Islamization of Knowledge: Survey and Selected Issues. In: _____ *A Critical Survey of Islamization of Knowledge*, Kuala Lumpur: International Islamic University Press. 2005. p.1-48.

HASHIM R.; ROSSIDY I. Islamization of Knowledge: A Comparative Analysis of the Conceptions of Al-Attas and Al-Faruqi. *Intellectual Discourse, International Islamic University of Malaysia, Journal of the Kulliyah of Islamic Revealed Knowledge and Human Sciences*, v. 8, n. 1, p. 19-44, 2000.

HUNTINGTON, S. P. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1996.

MOTEN R. Islamization of Knowledge: Methodology of Research in Political Science, *The American Journal of Islamic Social Sciences*, v. 7, n. 2, p. 161-175, 1990.

SAID, E. W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 370.

SASLEY, B. E. Studying Middle Eastern International Relations through IR Theory. *Ortadogu Etutleri*, v. 2, n. 2, p. 9-32, 2011.

SIDDIQI, M. N. Islamization of Knowledge: reflections on priorities. *The American Journal of Islamic Social Science*, v. 28, n. 3, p. 15-34, 2011.

SMITH, S. Positivism and beyond. In: _____ *International Theory: Positivism and Beyond*. Cambridge University Press, 1996, p.11-44.

SMITH S. The United States and the Discipline of International Relations: “Hegemonic Country, Hegemonic Discipline”, *International Relations and the New Inequality*, Summer, p. 67-85, 2002.

TADJBAKSHI, S. International relations theory and the Islamic worldview. In: ACHARYA A.; BUZAN B. *Non-Western International Relations Theory, Perspectives on and beyond Asia*. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2010. p. 174-196.